

ROTEIROS CULTURAIS DOS
AÇORES

Personalidades



RAUL
BRANDÃO

«Aqui acabam as palavras, aqui acaba o mundo que conheço; aqui neste tremendo isolamento onde a vida artificial está reduzida ao mínimo só as coisas eternas perduram. Não se pode fugir à monotonia da existência, à solidão que nos cerca, à sólida arquitectura dos montes que apertam e esmagam. [...] O Corvo não tem peso no mundo, mas nunca senti como aqui a realidade e o peso do Tempo.»

Raul Brandão

RAUL Germano BRANDÃO nasceu na Foz do Douro a 12 de março de 1867, oriundo de uma família ligada ao mar, e faleceu em Lisboa a 5 de dezembro de 1930. Militar de profissão – formou-se na Escola do Exército, depois de ter passado pelo então Curso Superior de Letras como aluno-ouvinte –, desde cedo se dedicou ao jornalismo e à escrita literária, a sua verdadeira vocação. Na sua Casa do Alto, na freguesia de Nespereira, perto de Guimarães, conseguiu articular a sua vida de militar – que na realidade era mais administrativa do que operacional – com a escrita e com as ocupações de pequeno proprietário rural, de perfil patriarcal, que lhe deram um profundo conhecimento acerca das pessoas do meio, labrotes e ganhões, mas sem nunca perder a capacidade de observar e comentar a atualidade política e social, e de refletir sobre as grandes questões morais da sociedade do seu tempo. Em 1912 reformou-se da carreira militar, no posto de capitão, e dedicou o resto da vida à escrita.

O seu primeiro livro publicado – Impressões e paisagens (1890) – é uma coletânea de contos de cariz naturalista, onde descreve e encena, com humor requintado, aspetos da vida dos homens do mar e dos tipos populares rústicos. Nas páginas do Correio da Manhã publicou, entre 1895-1896, crónicas e reportagens impressionistas sobre a vida política portuguesa, centrada nos vícios de Lisboa, e ensaios de crítica literária onde exprime e defende um conceito de teatro que “deve debater um grande problema social ou psicológico” e interessar o grande público com peças “populares e humanas” – o que viria, mais tarde, a concretizar em obras como O Gebo e a Sombra, O Rei Imaginário, e O Doido e a Morte (reunidas no livro Teatro, de 1923).

A sua obra literária, com uma vintena de livros, contém títulos de culto de que se destacarão História d'um Palhaço (A Vida e o Diário de K. Maurício) (1896), Os Pobres (1906), Húmus, a sua obra-prima (1917), o já referido Teatro e Pescadores (1923), As Ilhas Desconhecidas e A Morte do Palhaço e O Mistério da Árvore (1926), e O Pobre de Pedir (1931, póstumo).

A escolha de Raul Brandão para dar rosto a este Roteiro justifica-se pelo facto de ter saído das suas mãos – e, antes, do seu olhar atento e da sua grande capacidade para entender as pessoas simples e rústicas, nas suas relações com o meio em que vivem – aquela que é por todos reconhecida como a melhor descrição e interpretação da Ilha do Corvo e das suas gentes feita até hoje, em que o escritor (que visitou a ilha integrado num grupo de intelectuais portugueses no âmbito dos movimentos autonomistas da época) combina a sua capacidade de observação e de entendimento da autenticidade humana com os olhos da alma, e sem concessões ao gosto dominante ou às convenções estéticas, filosóficas ou literárias: o capítulo “O Corvo” de As Ilhas Desconhecidas – Notas e Paisagens. A visão que Raul Brandão neste livro nos dá dos Açores em geral, e em particular do Corvo, é um excelente exemplo do seu estilo peculiar: mais do que impor-nos uma ideia elaborada, organizada e pitoresca sobre a Ilha e as pessoas que lá vivem, o que o escritor faz é transmitir-nos visões desconexas de aspectos da paisagem, do carácter e das falas das pessoas, e sensações pessoais pautadas não pelas regras do estilo e da gramática, mas pelos ritmos de vida e das relações humanas – seus e das pessoas com quem convive, pessoas que eleva à condição de heróis por aquilo que são e por aquilo que representam na eterna luta do homem com o seu meio natural e com a história. Para ele, o Corvo é “um penedo e vento na solidão tremenda do Atlântico” onde “não há nada que ver! Almas tão descarnadas como o penedo e uma vida impossível noutro mundo que não seja este mundo arredado.” E as pessoas?:

Olho para aquelas mãos enormes e duras apoiadas nos caixados, para as barbas de madeira, para as fisionomias abertas a escopro por um escultor de génio que não chegou a concluí-las, e tenho a ideia de que já vi isto nos altares e nos presépios. Pertencem a outras idades. Parecem, pela fixidez, animadas por sentimentos e ideias fora do nosso ambiente. Moldou-as pouco a pouco a solidão e o silêncio. Quase me metem medo, como se o passado se pusesse a olhar para mim e a interrogar-me. Quase me acusam (ou sou eu que me acuso?) da minha frivolidade. Um destes lavradores parece Herculano e outro tem mãos enormes e gretadas, mãos de terra quase desumanas.

O que é que no Corvo de hoje é ou não é aquilo que por aqui viu, sentiu e exprimiu Raul Brandão? Os tempos e as condições de vida mudaram, e muito. Mas o ambiente, a solidão, a largura de horizontes que caracterizam a especificidade natural do Corvo mantêm-se tal como sempre foram, as mesmas condições que tanto dificultaram o povoamento da Ilha, e que continuam a fazer dos corvinos gente que vive uma vida que noutro local seria impossível. É esse ambiente, essa vida e essas pessoas que Raul Brandão, melhor do que qualquer açoriano, conseguiu captar e traduzir em palavras que, ainda hoje, mais do que exatas, são autênticas.

Bibliografia:

AGRUPACIÓN AMIGOS DEL LIBRO, *Don M. Carlos George Nascimento y su Obra*. Santiago de Chile: Editorial Nascimento, 1978.

Artur Teodoro de MATOS, Avelino de Freitas de MENESES e José Guilherme Reis LEITE (Dir.), *História dos Açores. Dos descobrimentos ao século XX*. Angra do Heroísmo: IAC, 2008.

Guillermo FELIÚ CRUZ, *M. Carlos George Nascimento Editor de la Literatura Chilena*. Santiago de Chile: Editorial Nascimento, 1967.

Inventário do Património Imóvel dos Açores. Vila Nova do Corvo. Angra do Heroísmo: DRaC – IAC – Câmara Municipal do Corvo, 2001.

Raul BRANDÃO, *As Ilhas Desconhecidas – Notas e Paisagens*. Lisboa: Bertrand, 1926.

Para a elaboração deste Roteiro, contámos com a colaboração de

Sr. Manuel Rita, Presidente da Câmara Municipal do Corvo
Doutor João Saramago, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa
Dr. Vítor do Castelo, Museu de Angra do Heroísmo
Sr. Paulo Alexandre Freitas de Fraga, funcionário da Câmara Municipal do Corvo
Centro de Interpretação Ambiental e Cultural do Corvo

Nota: os textos citados respeitam a grafia anterior ao Acordo Ortográfico.

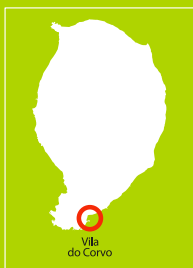
UM PERCURSO PELO CORVO

VILA DO CORVO



escala: 1/10 000

Fonte: DRT, 2006



VILA DO CORVO – Início do percurso a pé



1 Porto da Casa

É esta a entrada tradicional no Corvo, e é aqui que vamos iniciar o nosso percurso pela vila e pela ilha. Assim, subindo a rampa do cais, seguimos pela direita até ao **Largo das Forças Armadas**, antigo **Largo do Porto da Casa**, onde, na cerca da **Delegação Marítima**, se encontra uma



2 **Cova de Junça**, um dos vários silos subterrâneos onde se guardavam os cereais e, concretamente, a boga da junça que na falta de milho ou trigo servia para fazer pão

«Fome! Muita fome! O mais que se comia era junça, uma planta que dá uma semente pequena debaixo da terra, de que se alimentam os porcos. Moía-se nas atafonas e fazia-se farinha e bolos... Às vezes trocava-se uma terra por um bolo de junça. Fome!»

Seguir depois pela **Rua da Matriz**, em direção a **norte**, onde se pode visitar a

Seguir depois pela **Rua da Matriz**, em direção a **norte**, onde se pode visitar a



3 Igreja Matriz, único templo da Ilha, edificada no século XVIII e dedicada a Nossa Senhora dos Milagres

Retomando a **Rua da Matriz**, após uma breve curva em direção a **noroeste** encontra-se, à esquerda, uma casa de sacada, de dimensões consideráveis tendo em conta os edifícios envolventes, conhecida por



4 Casa de D. Mariana Lopes

«– Depois, também houve aqui uma mulher que mandava tudo. D. Mariana da Conceição Lopes, filha de padre, ia de capa para a igreja e de botas nos pés, quando toda a gente andava descalça. Isto deu-lhe um grande respeito; todos começaram a obedecer-lhe. Era ela quem dizia: – Uma pessoa não se deve gabar nem queixar. Se se chora, os pobres lastimam-na: – Coitada. – Se se gaba, dizem: – O que ela tem, e não dá nada à gente!... – Diabo de pobres! – Chegou a ser a rainha do Corvo: aconselhava, arranjava dispensas e punha e dispunha a seu grado. – Ensinava o povo.»

Continuando na mesma rua, volta-se à direita, em direção à

Retomando a **Canada do Graciosa**, descer na direção **sul** até ao **Largo da Cancela**, onde se encontra a



Leite de Vasconcelos na Ladeira do Outeiro em junho de 1924



Ladeira do Outeiro em outubro de 2012



9 Casa onde nasceu o editor Manuel Carlos Jorge Nascimento

Nascido no Corvo, em 1885, Manuel Carlos Jorge Nascimento emigrou em 1905 para o Chile, onde tinha parentes, fixando-se na cidade de Concepción. Em 1917, na sequência da morte de um dos tios, dono de uma pequena livraria em Santiago, mudou-se para esta cidade, adquiriu aos outros herdeiros a livraria do tio, e acabou por fundar a Editorial Nascimento, que se tornaria uma das mais importantes casas editoras chilenas. Foi o primeiro editor de dois futuros Prémios Nobel da Literatura: publicou Desolación (1923), de Gabriela Mistral (1889-1957, Nobel de 1945); e Crepusculario (1923) e Veinte Poemas de Amor y Una Canción Desesperada (1924), de Pablo Neruda (1904-1973, Nobel de 1971). Voltou ao Corvo em 1948, para visitar familiares, tendo então participado numa excursão baleeira para recordar aquelas em que participara antes de emigrar. Faleceu em Santiago do Chile, em 1966.

5 Ladeira do Outeiro, onde foi feita a única fotografia conhecida do grande linguista, filólogo, arqueólogo e etnógrafo Leite de Vasconcelos (1858-1941) no Corvo, quando visitou a Ilha e procedeu a recolhas linguísticas e etnográficas em junho de 1924, o mesmo ano em que Raul Brandão aqui esteve

5a

José Leite de Vasconcelos (1858-1941)



Manuel Carlos Jorge Nascimento (1885-1966)



Subir a **Ladeira do Maranhão** onde, após o cruzamento desta com a **Canada do Graciosa** e a **Rua da Fonte**, se encontram restos do



7 **Empedramento tradicional**, que de antes, tal como se pode ver em **5a**, pavimentava todas as ruas da **Vila do Corvo**

Voltando atrás, seguir a **Canada do Graciosa** até ao conjunto edificado protegido, datado do século XVIII e recentemente recuperado e adaptado a



8 **Centro de Interpretação Ambiental e Cultural do Corvo**, onde se encontra informação sobre a história natural e humana da Ilha

Ao cimo da **Ladeira do Outeiro**, encontra-se o **Largo do Outeiro**, onde se pode apreciar a



6 **Casa do Espírito Santo**

«Também vou com os pastores e os lavradores sentar-me no Outeiro, onde está a Câmara, o Espírito Santo e a cadeia vazia (agora mora lá uma vaca), e ouço-os de roda nas banquetas tomando resoluções sobre a lavoura e a terra. Aí se juntam de manhã antes de partirem para o Fojo ou à tarde quando recolhem.»

Seguir na direção **oeste**, até ao **Largo do Ribeirão**, descer a **Avenida Nova**, até ao **Largo das Forças Armadas**, e seguir em direção à **Aerogare do Corvo** pelo **Caminho dos Moinhos**, onde se pode apreciar três



10 **Moinhos de Vento**, de traça tradicional, em processo de recuperação

«Moem o pão nos moinhos de vento ou nas atafonas, em lojas escuras onde um boi calcando estrume, com os olhos tapados e preso a uma grossa trave que se chama castalho, faz mover o pião e o almanjar.»



- 1351** O Portulano Mediceo Laurenziano regista um grupo de sete ilhas: insulæ de Cabrera [Santa Maria e São Miguel], insulæ Brazi [Terceira], insulæ Ventura sive Columbus [Faial e Pico], e insulæ Corvis Marinis [Flores e Corvo]”.
-
- 1452** No regresso de uma viagem para Ocidente, Diogo de Teive e Pedro Velasco encontram as ilhas de Flores e Corvo, então designadas por Ilhas Floreiras.
-
- 1453** **Janeiro:** D. Afonso V faz doação do Corvo a seu tio D. Afonso, duque de Bragança e conde de Barcelos.
-
- 1474** **28 de janeiro:** carta régia sanciona a compra das Flores e Corvo por Fernão Teles de Menezes a João de Teive, filho do descobridor.
-
- 1521** O Padre Agostinho Ribeiro, que viria a ser o primeiro Bispo de Angra (1534-1540), é o primeiro sacerdote residente no Corvo.
-
- 1537** Corsários franceses atacam navios ancorados no Corvo.
-
- 1548** **12 de novembro:** D. João III entrega Flores e Corvo a Gonçalo de Sousa da Fonseca, que põe em prática um plano de fomento da Ilha, recorrendo a escravos trazidos da ilha de Santo Antão, em Cabo Verde, de que era senhor.
-
- 1566** D. Sebastião confirma a Gonçalo de Sousa a mercê dos “dízimos da dita ilha das Flores e ilhéu do Corvo”.
-
- 1570** Antão Vaz de Azevedo, natural da Praia, na ilha Terceira, funda a primitiva igreja de Nossa Senhora do Rosário.
-
- 1580** Um grupo de colonos idos das Flores instala-se no Corvo, garantindo assim o povoamento definitivo da ilha.
-
- 1587** A ilha é saqueada por corsários ingleses, que incendeiam as casas.
-
- 1594** **Agosto:** Martim Herrera dá notícia de um destacamento militar no Corvo, no quadro de defesa contra os corsários.
-
- 1632** Piratas da Barbária tentam desembarcar por duas vezes na baía onde atualmente se encontra o Porto da Casa. A população do Corvo resiste aos ataques, sendo a vitória atribuída à intervenção de uma imagem de Nossa Senhora do Rosário, então colocada na Canada da Rocha, e que a partir de então passou a ser chamada Nossa Senhora dos Milagres, orago da paróquia local.
-
- 1640** Frei Diogo das Chagas considera que o Corvo já tem excesso populacional.
-
- 1832** **Maior:** Mouzinho da Silveira recebe, em Angra, uma representação de corvinos que pretendia ver reduzido o pagamento do foro que anualmente pagavam ao Donatário.
14 de maio: na sequência de tal pedido, D. Pedro IV assina o decreto que reduz para metade o imposto de cereais, e anula um avultado pagamento em dinheiro, a que, desde o século XVI, os corvinos estavam obrigados.
20 de junho: D. Pedro IV eleva a povoação do Corvo à categoria de vila e sede de concelho.
-
- 1849** No seu testamento, Mouzinho da Silveira determina: “Quero que o meu corpo seja sepultado no cemitério da Ilha do Corvo, a mais pequena das dos Açores [...]. São gentes agradecidas e boas, e gosto da ideia de estar cercado, quando morto, de gente que na minha vida se atreveu a ser agradecida.”
-
- 1885** **18 de abril:** nasce, no Corvo, o livreiro e editor Manuel Carlos Jorge Nascimento, o mais novo dos doze filhos de Carlos Lourenço Jorge e de D. Maria do Nascimento.
-
- 1885/1888** O Príncipe Alberto I do Mónaco visita o Corvo, em missão científica, a bordo do L'Hirondelle, onde realiza uma importante coleção de fotografias que se encontram no Museu Oceanográfico do Mónaco, e de que a Câmara Municipal do Corvo adquiriu cópia.
-
- 1905** O jovem Manuel Carlos Jorge Nascimento sai do Corvo, com destino ao Chile, onde já residiam familiares próximos, fixando residência na cidade de Concepción.
-
- 1917** Manuel Carlos Jorge Nascimento muda-se para Santiago, onde funda a Casa Editora Librería Nascimento. Imprenta Universitária de Santiago de Chile, a partir de uma pequena livraria que herdara do seu tio João.
-
- 1923** Manuel Carlos Jorge Nascimento funda a Editorial Nascimento, e publica o primeiro livro de Gabriela Mistral, Desolación, bem como o primeiro livro de Pablo Neruda, Crepusculario.

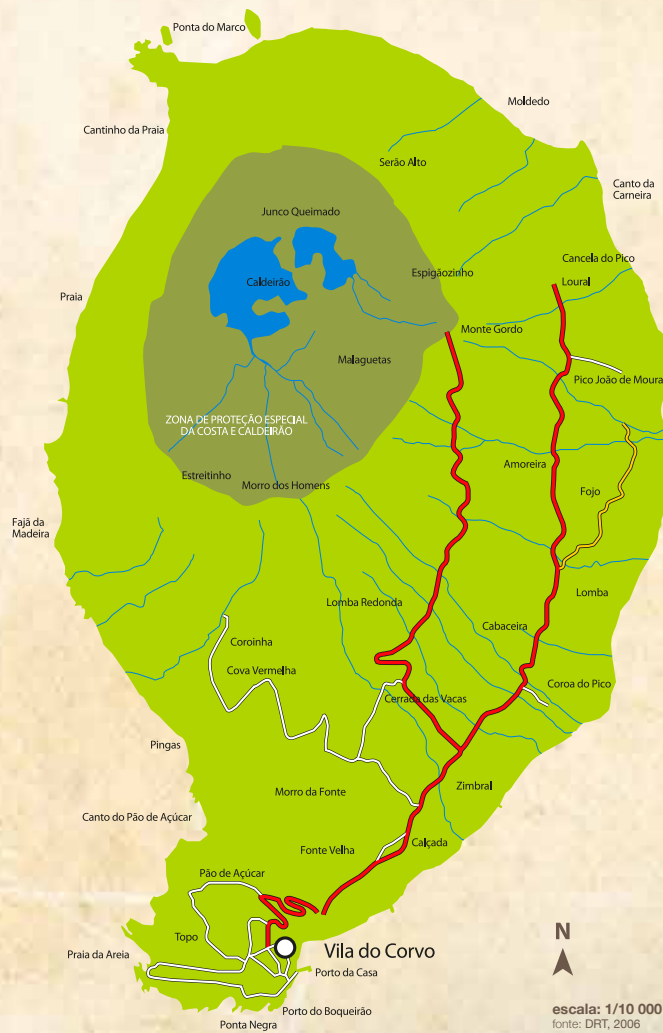
- 1924** **Verão:** visita de Raul Brandão ao Corvo, integrado num grupo de intelectuais portugueses que visitou os Açores a convite do movimento autonomista. Neste mesmo ano, e por iniciativa de José Bruno Carreiro, diretor do jornal Correio dos Açores, de Ponta Delgada, José Leite de Vasconcelos visita o Corvo, integrado num grupo de personalidades portuguesas, onde procede a recolhas etnográficas e linguísticas.
-
- 1926** Raul Brandão publica, em Lisboa, As Ilhas Desconhecidas - Notas e Paisagens, onde se encontra a mais bela descrição da ilha do Corvo alguma vez feita, que serve de guia a este Roteiro.
-
- 1997** **10 de abril:** o núcleo urbano antigo de Vila Nova do Corvo é classificado como Conjunto de Interesse Público.
-
- 2007** **Setembro:** a ilha do Corvo é classificada pela UNESCO como Reserva da Biosfera.

Continuar pelo **Caminho de leste** em direção a **norte**, até ao fim, junto à



13 Ribeira da Vaca, onde termina o **Caminho de leste**

«E partem juntos no escuro: vão ordenhar as vacas à Ribeira Funda, à Ribeira da Vaca, à Feijoa [Fajã] dos Negros, baldios a noroeste da ilha, por montes e vales, onde só crescem algumas faias e cedros.»





A partir daqui, e seguindo pelo **Caminho dos Moinhos** na direção **oeste**, continuando depois pela **Rua Padre Eugénio Rita**, passar pelo lugar da **Praia da Areia**, contornar a cabeça da pista do **Aeroporto**, seguir para **norte** pela **Rua da Cruz**, virar à direita na **Rua do Jogo da Bola** onde, junto à **Câmara Municipal**, se iniciará um

Percurso em viatura

Subindo a **Estrada do Caldeirão**, pode obter-se uma vista geral da Vila do Corvo e uma perspectiva da ilha das Flores, a partir de um



11 Miradouro

«As Flores e o Corvo erguem-se uma defronte da outra, separadas por um canal de quinze milhas, o Corvo espesso e nu, as Flores violeta e verde com rochas violetas e os cimos dum pasto delicado.»

Continuando pela **Estrada do Caldeirão**, encontra-se, a cerca de 1,4 Km, uma bifurcação de caminhos. Seguir pelo **Caminho de leste** até ao



12 Fojo, de onde se obtém uma vista estonteante sobre a vastidão do Oceano

Regressar pelo mesmo caminho até à bifurcação de caminhos (cerca de 3,5 Km), e tomar a **Estrada do Caldeirão** até ao **Monte Gordo** (cerca de 3,5 Km), de onde se pode apreciar o magnífico

14 Caldeirão

«Uma nuvem esponjosa arrasta-se pelos altos – toda a terra está empapada de humidade. É o reino monótono da erva. Depois de duas horas de caminho chego à cratera do Monte Gordo, imenso circo perfeitamente arredondado, e com escoamento tão regular que parece feito pela mão dos homens.

Lá no fundo reluz um lago com algumas ilhotas verdes – o ilhéu do Morcego, o ilhéu do Mato, as ilhas do Manquinho, do Braço, do Bracinho e do Marreca, que figuram o arquipélago. Nem uma árvore, só erva verde tosquiada e junco vermelho. O céu enfumado e muito baixo pousa sobre os bordos do vasto caldeirão. As rampas dum verde-claro descem até ao fundo com escorrências em fio de musgão branco e riscos petrificados de escórias, que vêm do alto e acabam no lago polido. Numa das margens fixou-se um fantasma indistinto, todo branco. Olho o vasto coliseu.»

Regressar a Vila do Corvo, e terminar o percurso no **8 Centro de Interpretação Ambiental e Cultural do Corvo**.



Governo dos Açores

SECRETARIA REGIONAL DA EDUCAÇÃO E CULTURA
Direção Regional da Cultura

*«Pedra negra, areia negra e um mar esverdeado, que de Inverno assalta,
vagalhão atrás de vagalhão, este grande rochedo a pique,
com fragas caídas lá no fundo
e que as águas corroem num ruído incessante de tragédia.
Céu muito baixo, nuvens esbranquiçadas. Braveza, solidão e negrume.»*



Personalidades

ROTEIROS CULTURAIS DOS
AÇORES



RAUL
BRANDÃO

produção e coordenação - Direção Regional da Cultura dos Açores / edição 2014
direção científica e textos - Luiz Fagundes Duarte, maio 2012
fotografia, concepção e impressão - Bizex Projectos
capa - Museu do Chiado - MINAC, Retrato de Raul Brandão, autoria de Columbano Bordalo Pinheiro,
fotografia por Paulo Onra/Laura Castro Caldas; Direção-Geral do Património Cultural / Divisão de
Documentação, Comunicação e Informática
fotografia: *Cova da Jurta*, IAC - Inventário do Património Imóvel dos Açores, Ilha do Corvo, Vila Nova
depoósito legal - 35227/12

© Direção Regional da Cultura dos Açores, todos os direitos reservados

